

— Que houve, professor ?

E ele, com voz embargada:

— Desapareceu meu Código Civil Comentado. Foi presente de minha filha, há muitos anos. Tinha tudo anotado e comentado...

Levantou-se. Dirigiu-se ao Samuel. Fez, em aula, um apelo aos rapazes. Toda turma ficou pesarosa com a emoção do Mestre. Foram procurar o livro. Quatro dias depois, o Mestre recebe, em longa carta comovedora, o seu livro de volta. A missiva, sem assinatura, terminava: "Há de perdoar-me o Mestre o aborrecimento que lhe dei. Perdoe-me".

E Tito, mostrando-nos a carta:

— A mocidade é sempre generosa...

Tenho a impressão que os três episódios dizem bem do homem e do mestre. É insubstituível. Ninguém escreveu, no meu entender, Direito Civil com mais sabedoria e mais síntese. Por isso, dizia o português Cunha Gonçalves:

— "Tito Fulgêncio foi o homem que mais sabia Direito Civil em todo o mundo que escrevia na nossa língua".

"PEDRO MATA MACHADO"

ALBERTO DEODATO

No dia 29 deste, se estivesse vivo, completaria cem anos o Professor Pedro Mata Machado. Quero prestar-lhe esta homenagem. Lembrá-lo. Recordar-lhe a figura às centenas de advogados que passaram pelas suas aulas. Quanto a mim, foi meu examinador no concurso para livre-docente de Direito Internacional Público. Tinha eu pouco mais de vinte e sete anos. Não conhecia a banca examinadora. A minha audácia desapareceu. Estava diante de homens grandes demais. Pavor à ironia deliciosa de José Eduardo da Fonseca. Receio da cara séria de Rodolfo Jacob. Um nada em frente

à sabedoria de Tito Fulgêncio. Foi um sorriso de Pedro Mata Machado que me deu coragem. Recebeu-me paternalmente:

— Você escreveu uma página que me comoveu. A sua ida como promotor do Rio Pardo. Aquele “você” me tirou do arrasamento. E me lembrei de tudo o que havia estudado. Depois, comecei a lecionar. Fui seu companheiro de Congregação. Recordo-me de todos os dias que passei ao lado do seu coração e da sua inteligência. Daqueles tempos, só eu sobrei na cátedra. Há outros vivos. Mas aposentados. Mata Machado veio de uma turma de ouro de São Paulo. Com Edmundo Lins. Com Francisco Brant, com João Pinheiro. Se não me falha a memória, a primeira turma da República. Na sua grande Diamantina, fez jornalismo, advocacia e política. Como advogado, a sua probidade é lendária. Contam da recusa à procuração de rico empresário, para requerer uma concordata. Estudou os papéis. E, durante duas horas, esteve explicando ao constituinte o que é falido.

— Não faça isso. Trabalhe. Você se sairá disso.

Não gostou o constituinte da lição de moral. Levantou-se:

— Quanto lhe devo?

— Vinte mil réis da consulta.

E ao pagar:

— O senhor podia ganhar cem contos de réis...

Tenho em mãos o seu discurso de paraninfo dos bacharéis de 1931. Apesar de republicano, quarenta anos de regime o desiludiram. Ele e a todos os republicanos históricos. Acusava do fracasso econômico a industrialização protegida, com o desprezo dos campos. E acreditava que “a Paz, o Equilíbrio, a Ordem e a Prosperidade só voltarão se dos escombros do industrialismo urbano pudermos retroceder à construção agro-pecuária”.

Quando presido a Congregação da minha Faculdade sinto todos os mortos nas cadeiras vazias. E, entre eles a minha saudade se aprofunda naquela em que se assentava Pedro Mata Machado.